

Jazz

11 Outubro 2011

Ciclo “Isto é Jazz?”

Comissário: Pedro Costa

Manuel Mota e Noël Akchoté

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Guitarras Manuel Mota e Noël Akchoté

Ter 11 de Outubro

21h30 · Pequeno Auditório · Duração: 1h30 · M12

Tocar jogando, jogar tocando

O duo de guitarras de Manuel Mota e Noël Akchoté que ora se apresenta tem, entre nós, um carácter de novidade e também a vantagem de já estar entrosado. O português e o francês fizeram uma digressão de cinco concertos na Polónia e tocaram juntos, em trio com Margarida Garcia, no festival Musique Action, de Vandoeuvre. Outros encontros terão acontecido: Akchoté julga que já vão pela dezena os realizados nos 12 últimos intensos anos de actividades desenvolvidas por ambos.

Além das actuações ao vivo, mantêm um contacto regular desde 1999: descobriram-se mutuamente por partilharem um semelhante interesse pela história do seu comum instrumento e pela exploração de novas vias expressivas, a nível técnico muito especialmente, mas também estético. Aliás, assumem-se inteiramente como *guitar freaks*. Diz Mota: «O Noël é um músico e uma pessoa por quem nutro uma grande admiração. O meu trabalho enriquece-se sempre que o ouço tocar. A música que ele faz é ele próprio, é transparente. Toca o que quer nas alturas e nos contextos em que quer, e isso inspira-me. Quando me chegou este convite, aceitei sem pestanejar, claro.»

Foi o falecido Derek Bailey, o patriarca da inovação guitarrística, quem falou a Akchoté de Manuel Mota, indicando-o como um exemplo de criatividade inconformista. Desde então, o autor dos dois volumes de *Sonny*, a sua homenagem a Sonny Sharrock, e de inesperadas versões de temas de Leonard Cohen e Kylie Minogue ficou de ouvido atento ao que lhe chegasse de Portugal: «O processo

levou o seu tempo e os seus rumos até nos conhecermos pessoalmente. Fiquei a gostar do Manuel pela sua abordagem, pela sua força, pela sua honestidade. E também gosto dele por um motivo ainda maior: pela coerência, um valor que prezo muito. Ele terraplanou o seu próprio caminho e mantém-se fiel a este, constituindo um exemplo para os outros.»

Dadas as personalidades musicais em presença, as experiências vividas conjuntamente não se traduzirão numa *performance* segura e com desfechos predefinidos. «Não, este não será um concerto previsível e sim mais uma página, ou um capítulo, que se vira num historial de colaborações que tem assinalado o ponto em que nos encontramos em cada momento. Enquanto músico e enquanto ouvinte prefiro sempre o “aqui e agora”, aquilo que ainda não sei, aquilo de que não estou à espera, e com o Manuel passa-se o mesmo. Vamos improvisar, mas nem por isso o que faremos estará dentro do género “música improvisada”, que anda muito longe do que improvisar verdadeiramente implica.»

Nada os dois guitarristas estabeleceram para esta ocasião, havendo até o compromisso de não se fazerem combinações prévias. Para o palco levarão somente um pacto implícito «de união e responsabilidade repartida», para utilizar palavras de Manuel Mota. Implícito, escrevi acima, porque nem sequer isso está falado entre os dois. Tocam o mesmo instrumento, nas suas versões eléctrica e acústica, e têm a mesma atitude de revisão e descoberta face à música: uma tal proximidade dispensa à partida outras delimitações que não as que lhes surgem espontaneamente, e

essas têm a particularidade de, em vez de serem limitativas, os abrirem a tudo o que possa interessá-los.

«Os nossos parâmetros são a guitarra no seu todo, as suas histórias, os seus usos. Nada está excluído. Aliás, acredito que a guitarra é o mais autêntico de todos os instrumentos», aponta Akchoté. «Um bom exemplo das trocas possibilitadas entre nós é o facto de o Manuel me ter levado a reabrir a pasta do meu arquivo referente a Eric Clapton, que eu deixei arrumada demasiado tempo. Por sua vez, julgo que o converti ao meu herói pessoal, o guitarrista René Thomas.»

Quer isto dizer que Mota e Akchoté vão necessariamente passar por onde a guitarra já passou: pela folk, pelos blues, pelo jazz e, ainda, pelos vários experimentalismos a que foi submetida. Diga-se, de resto, que foi pelo idioma jazz que o músico do Hexágono começou, daí partindo para os muitos lugares que tem visitado, e que para ele convergiu ainda recentemente o lisboeta. Elementos do dito permanecem muito obviamente nos seus discursos, mas não determinando os rumos que tomaram... Manuel Mota: «Já me identifiquei como guitarrista de jazz, mas agora não quero saber. Via o jazz como a música mais rica e adequada à forma como trabalhava, e nessa altura senti a necessidade de me engavetar. Não fico desconfortável se disserem que toco jazz, mas também aceito se me catalogarem como rock ou outro género qualquer. Coloco na minha música aquilo que vivo e o que ouço, mas neste aspecto pouco tenho ouvido ultimamente para além das cantoras Laura Nyro e Billie Holiday, duas obsessões.»

Noël Akchoté tem um posicionamento algo coincidente: «Não vejo os estilos ou as cenas como limitadores, e sim como propostas de base. Os rótulos já foram um problema para mim, mas isso acabou quando me permiti tocar apenas, com todos os materiais e técnicas que essa predisposição envolve. Não os selecciono intencionalmente: ou surgem ou não surgem, consoante as oportunidades. Não escolho nem restrinjo; sai como sai. Seja como for, sigo estratégias. Quando improviso, estou simultaneamente dentro da música e a alguma distância, aplicando um velho reflexo do be bop: o de que, quanto mais rápido se toca, mais lentamente se pensa, numa mistura de doçura com acidez, de quente com frio. O que já não quero fazer é aquilo a que o Derek chamava *sweaty bollocks free jazz* – isso não me interessa.»

Esta parceria é até colocada pelos seus protagonistas num plano à parte dos seus percursos colaborativos. E importantes têm sido muitas das associações que já tiveram ou prosseguem, Mota com Margarida Garcia, Sei Miguel, David Maranha, Riccardo Wanke, Rafael Toral, Jason Kahn, Okkyung Lee, Chris Corsano, Ernesto Diaz-Infante, Toshimaru Nakamura e Andrea Neumann, entre outros; Akchoté com Louis Sclavis, Henri Texier, Sam Rivers, Eugene Chadbourne, Luc Ferrari, David Sylvian, Jim G. Thirlwell, Fred Frith, Evan Parker, Lol Coxhill, Tim Berne, George Lewis, Benoit Delbecq, Max Nagl, Dylan Carlson e mais.

«O que tive com as pessoas com quem toquei foram mais do que experiências, foram vivências», esclarece o português. «Deixaram-me marcas como todos os demais encontros que

vou tendo na vida de todos os dias, diferentes porque surgiram de maneiras diferentes e porque têm causas distintas. Entre todas, uma marca profunda tem-me deixado a colaboração com o Noël. No caso da Margarida a predilecção é compreensível: é com ela que toco há mais tempo e é com ela que mais falo sobre música.»

Acrescenta Akchoté: «Tenho uma enorme necessidade de tocar em dueto, e sobretudo duetos de guitarras, talvez porque comecei por essas situações, designadamente quando procurava guitarristas como Baden Powell, Jimmy Gourley, Tal Farlow, Philip Catherine, Larry Coryell, Freddie Green, Herb Ellis, Jim Hall, Kevin Eubanks, Joe Diorio, Marc Ducret, Mickey Baker, Christian Escoudé, John Abercrombie e outros para me darem lições. É o formato em que me sinto melhor e quando o duo é com Manuel Mota há algo mais que, em comparação com outros, se acrescenta: passamos para outro nível, tocamos efectivamente em conjunto. Significa passar um dia agradável com ele e deixar as coisas fluírem, como num processo de vida, com dois indivíduos a confrontarem ou a partilharem ideias. Isto é que é improvisação.»

Neste contexto, consideram-se com a liberdade e a legitimidade de realizar o que lhes aprouver em cada situação, nos termos colocados por Mota: «Seja o que for e em que volume for, e seja com que som ou guitarra calhar. Temos obviamente preferências e há coisas que nunca faremos, mas não existem em nós verdades absolutas para expor. Muito simplesmente, fazemos aquilo que achamos ser mais adequado para cada circunstância.»

Em uso estará um princípio que Noël Akchoté já apresentou como «é o processo que define o jogo, e não o contrário». A explicação: «Quando o tal jogo já está definido por todas as partes (normas sociais, enquadramentos, obrigatoriedades, etc.) não me parece que faça sentido jogar.» Saliente-se que, em Inglês e Francês, “tocar” diz-se “to play” e “jouer”, respectivamente, ou seja, o mesmo que “jogar”. Só em Português se faz a distinção, mas esta noite vai-se tocar jogando, e jogar tocando.

Rui Eduardo Paes

Crítico de música, ensaísta,
editor da revista jazz.pt

Manuel Mota

Nascido em 1970 na cidade de Lisboa, Manuel Mota começou por se dedicar a uma *drone music*¹ de influência minimalista (La Monte Young, Phill Niblock), utilizando a guitarra acústica. Nessa altura, colocava o instrumento na horizontal e aplicava-lhe *ebows*² sobre as cordas – procurava as sonoridades que pretendia e deixava a música acontecer por si só, sentando-se junto do público para assistir aos seus próprios concertos. Pretendendo ter uma intervenção mais performativa, mudou para a guitarra eléctrica, desenvolvendo as suas próprias técnicas *fingerstyle*³ com referência nos blues do Delta e aproximando-se de uma linguagem jazz. Mais recentemente, temo-lo ouvido a utilizar *feedbacks* e distorções, partindo de fórmulas do psicadelismo, do free rock e até do *noise*. Profundo conhecedor da história da guitarra, adopta processos e metodologias das origens mais diversas, do country ao rock. Uma sua referência maior é Eric Clapton. A sua mais regular parceria tem sido realizada com a contrabaixista Margarida Garcia, mas o trabalho que desenvolveu com Sei Miguel e com David Maranha, este em grupos como Osson Exótico e Curia, têm-no igualmente marcado. O seu maior investimento vai para o formato a solo, aquele que preferiu para os discos que tem editados pela sua própria *label*, a Headlights, mas tocou igualmente com figuras internacionais como Chris Corsano, Tetuzi Akiyama, Lukas Ligeti, Mattin, Donald Miller, Gino Robair, Ernesto Rodrigues, Jason Kahn, Noël

Akchoté, Toshimaru Nakamura e Andrea Neumann. Pouco antes da sua morte, o veterano da improvisação Derek Bailey apontou-o como o mais inovador guitarrista das novas gerações.

1. *Drones* são ondas sonoras minimais que servem de textura de fundo de certo modo pesada.
2. *Ebow* é um acessório que pode ser usado em guitarras ou em piano e que, encostando-se às cordas, faz um efeito próximo de um arco, produzindo um som contínuo.
3. Chama-se *fingerstyle* tocar a guitarra com os dedos, em oposição ao *flatpicking* que significa tocar com palheta.

Noël Akchoté

Parisiense de nascimento (1968), Noël Akchoté desenvolveu o seu percurso nos âmbitos do jazz, da livre-improvisação e da música experimental. Hoje, considera-se emancipado do género musical de que partiu e vê a música improvisada como um campo estanque cuja rigidez de parâmetros anula a própria prática improvisacional. Tocou com nomes de referência como Henri Texier, Daniel Humair, Louis Sclavis, Sam Rivers, Derek Bailey, Eugene Chadbourne, Fred Frith, Evan Parker, Lol Coxhill, Tim Berne ou George Lewis, e podemos ainda ouvi-lo em registos com figuras tão distintas quanto o compositor contemporâneo Luc Ferrari ou o grupo de rock Earth. Guitarrista assumidamente influenciado por Tal Farlow, Charlie Christian, Larry Coryell e Sonny Sharrock (que homenageou em dois álbuns), mas

sobretudo pelo belga René Thomas, um injustamente pouco reconhecido dedilhador do be bop, o seu interesse pelo fenómeno pop levou-o a fazer *covers* de temas de Leonard Cohen, Kylie Minogue, Britney Spears, Daft Punk, Kiss e Ramones. O seu fascínio pelo formato popular da canção vem do tempo em que era acompanhante de cantores. Neste âmbito, colaborou recentemente com David Sylvian. Foi ainda o director musical da ópera *Der Kastanieball – The Fall of Lucrezia Borgia*, ampliando o seu gosto pelo canto para a área erudita, e com a série de discos *Cabaret* revisitou o mundo do *vaudeville*, entrando em pleno domínio das variedades e do entretenimento. Em paralelo, desenvolve actividade como crítico de música em diversas publicações internacionais e tem intensificado o seu envolvimento com o cinema, tanto enquanto actor e compositor como atrás das câmaras.



Culturgest, Espaço CarbonoZero®

A compensação das emissões de carbono decorrentes da utilização dos espaços da Culturgest, localizados no Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos, está integrada na estratégia do Grupo para o combate às alterações climáticas. Esta iniciativa enquadra-se num conjunto mais alargado de acções, que vão desde a inventariação das emissões associadas ao consumo de energia e ao tratamento dos resíduos produzidos nas instalações, à implementação de medidas de eficiência energética para redução das emissões. Com efeito, tem-se vindo a assistir a uma redução das emissões de carbono observando-se um decréscimo progressivo de cerca de 35% face a 2008. Esta é uma redução com tendência a acentuar-se com a implementação de um conjunto

de medidas adicionais, estando prevista uma redução total de 16 500 kWh/ano, o equivalente a cerca de 220 viagens de carro Lisboa-Porto.

Apesar de contribuírem para a redução das emissões de carbono, estas acções não são suficientes para evitar por completo estas emissões. Assim, as restantes emissões são compensadas através da aquisição de créditos de carbono provenientes de um projecto tecnológico localizado no Brasil e que cumpre os requisitos *Voluntary Carbon Standard* (VCS). A compensação das emissões inevitáveis da Culturgest constitui, assim, uma internalização da variável carbono decorrente da utilização dos seus espaços e contribui, igualmente, para a meta de neutralidade carbónica expressa no Programa Caixa Carbono Zero.

Mais informações em: www.cgd.pt/Institucional/Caixa-Carbono-Zero



Som Alvo

Ciclo Vinte e sete sentidos

Organização: Granular



Instalação / Performance Qua 12 Outubro
Sala 2 · 18h30 · Dur. aprox. 40 min · M12

'Field recordings', teclados, percussão e sopros,
'laptop' e controladores, projecção vídeo Nuno Morão

Som Alvo é uma estória auditiva e visual dos últimos anos, na perspectiva pessoal e subjectiva do autor. Recorre a gravações-de-campo (e de-cidade), posteriormente triadas e editadas e, nesta ocasião, com a companhia de instrumentos e de manipulação em tempo real, procede à construção sonora de um rol de paisagens e ambientes. Os ouvintes e observadores (projecção de imagens fixas e em movimento) serão convidados à imersão e ao confronto de realidades acústicas dissimilares, ou à surpresa de emparelhamentos improváveis. Vales amplos, montanhas íngremes, cidades conturbadas, micro-sons velados. Luz branca.

Nuno Morão estuda composição, órgão de tubos, piano, bateria, percussão variada e uma panóplia de instrumentos de plástico. Pratica a improvisação. Trabalha como músico, compositor e sonoplasta (música original e desenhos de som para teatro, dança, *performance*,

instalação, cinema, web, audiolivros e novos *media*), e também como operador, director, montador e misturador de som (desenho, captação, edição, montagem e mistura de som para cinema documental e de ficção). Foi aluno no IGL, FLUL, UA, ESML e UE. Co-fundou o Teatro NÃO e iniciou o projecto UR (com André Sier). Foi director técnico do Escrita na Paisagem. É colaborador do PARQUE (Ricardo Jacinto). Membro do Ensemble JER desde 2001. Actua em vários projectos de música espontânea, improvisada e jazz. Passeia, recolhe e fotografa.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado

Gonelha

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Joana João estagiária

Direcção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direcção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direcção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Ricardo Guerreiro

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

Alcino Ferreira

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Recepção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Colecção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 - Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt - www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
